

ACM cobra mais energia de FH

Luiz Antônio — 9/3/95

■ Senador afirma que é hora do presidente dar um basta na crise da base governista

JORGEMAR FELIX
E CARMEN KOZAK

BRASÍLIA — O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) cobrou ontem a intervenção direta do presidente Fernando Henrique Cardoso na solução da crise que afeta a base governista no Congresso. "O que há é uma ciúmeira de homem, que é pior que a de mulher. Para resolver o problema, o presidente precisa chamar as pessoas, conversar e dar um basta nisso", disse o senador. A falta de entendimento entre os partidos que apoiam o governo e a instabilidade do ministro da Previdência, Reinhold Stephanes (PFL), ameaçam pôr em risco a continuidade da votação das reformas constitucionais e de outros projetos que o governo considera prioritários.

"Não precisa ser um chá das cinco, um café das três tá bom demais", minimizou o senador. Antônio Carlos acredita que o PSDB cria mais problemas para o governo do que o PFL. "É melhor não reagir. Os tucanos estão desesperados porque precisam do Fernando Henrique para respirar, não têm asas para voar sozinhos. O PFL tem ar próprio", disse.

Furiosos — Desde ontem, a ordem no PFL é evitar confronto com os tucanos para preservar o líder do governo, Benito Gama (PFL-BA). Mas, se o bombardeio continuar, a próxima semana será de respostas ao PSDB. Os tucanos estão furiosos com Benito e querem sua destituição por considerarem que houve quebra de confiança.

Desde que o líder fez uma reunião para modificar o projeto de lei que abre para o capital privado o sistema de telecomunicações — incluindo artigos contrários à proposta do ministro das Comunicações, Sérgio Motta — sem avisar ao líder do PSDB, José Aníbal (SP), sua permanência no cargo passou a ser incerta. Os tucanos estão empenhados em desestabilizá-lo. Segundo líderes do PSDB, um dos mais irritados com Benito é o ministro Sérgio Motta.

Apesar do recuo do PFL, Aníbal está disposto a manter o ataque ao PFL. O deputado do PSDB fez declarações contra o líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), que foram respondidas com agressividade. Apesar da briga, Aníbal acredita que a relação de convivência entre os partidos pode ser refeita, mas sem Benito. "A quebra de confiança tem a ver com o líder, que não podia permitir o que fizeram na questão das teles. Os deputados poderiam até sugerir modificações, mas o líder tinha que defender a proposta do ministro", afirmou.

O descontentamento do líder tucano, segundo alguns integrantes da bancada do PSDB e do PFL, é devido a um acúmulo de decisões do governo tomadas à revelia do partido do presidente, como as nomeações do ministro da Coordenação Política, Luiz Carlos Santos, e do ministro da Indústria e do Comércio, Francisco Dornelles (PPB-RJ). Segundo o PSDB, Aníbal pleiteava o cargo de Dornelles ou a liderança do governo na Câmara. Perdeu tudo.

Há mais de um mês, Aníbal garantia, em qualquer mesa de restaurante de Brasília, que havia recebido a garantia do governo de que Dornelles não seria o ministro do PPB. "Não só o presidente me disse isso, como outras pessoas do governo, mas não queria ser ministro de coisa nenhuma, isso não existe", defendeu-se Aníbal. "Quando disputo alguma coisa é de forma transparente, como devem ser as relações. As coisas têm que ser ditas, não podem ser enrustidas", afirmou, referindo-se ao comportamento de Benito Gama.

Bobagem — O líder do governo preferiu não responder às acusações de Aníbal. "Não acredito que ele tenha dito isso, não vou comentar uma bobagem desse tamanho." De manhã, antes de saber que os ataques continuavam, Benito negou as divergências com o PSDB e chegou a dizer que, nos últimos dias, teve ótimas conversas com Sérgio Motta.

Aos companheiros de partido, porém, Benito fez reclamações contra Aníbal no mesmo tom usado pelo tucano. Benito acredita que o líder do PSDB partiu para um confronto pessoal e concorda: acabou a relação de confiança entre os dois.

Além de Antônio Carlos Magalhães, o vice-presidente da República, Marco Maciel, o presidente do PFL, Jorge Bornhausen, e o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), também estão preocupados com as discussões. A preocupação principal é com a consequência da briga nas votações das reformas constitucionais. Cauteloso, Maciel acha que deve haver um respeito mútuo entre os partidos da base governista. "Temos uma coligação, não uma fusão de partidos. As pessoas têm que ter maturidade para respeitar identidades programáticas de cada um", disse Maciel, em conversa com amigos do PFL.

O ministro da Coordenação Política, Luiz Carlos Santos, garante que a crise terminará na terça-feira, com a aprovação do projeto da telefonia celular.



Antônio Carlos sobre os ataques do PSDB: "O que há é ciúmeira de homem, que é pior que a de mulher"

AS BRIGAS DA CRISE

Tucanos x Tucanos — Os tucanos do governo alijaram os tucanos do Congresso das decisões principais, como a reforma ministerial, o que vem revoltando os líderes parlamentares. Como resposta, a bancada decidiu cobrar um aumento de 18% para o salário mínimo, ao contrário do índice de 12% proposto pelo governo.

PSDB x Luís Carlos Santos — Com um nome pronto na bancada para assumir o cargo de articulador político — o deputado paulista Almino

Afonso —, os tucanos foram surpreendidos com a nomeação de Luís Carlos Santos (SP), condenado pelo PSDB por usar meios fisiológicos para negociar com o Congresso.

PSDB x PFL — Os tucanos ficaram revoltados com a tentativa dos deputados do PFL de modificar o texto do projeto de lei que abre o mercado de telecomunicações à iniciativa privada, tirando poderes do ministro das Comunicações, Sérgio Motta (PSDB). Ficaram ainda mais irritados com o fato de o líder do

governo, Benito Gama (PFL-BA), promover reunião para tratar do tema sem avisar o PSDB. Muitos tucanos souberam da armadilha no momento da votação no plenário.

PSDB x PPB — Os tucanos também ficaram irritados com a nomeação do deputado Francisco Dornelles (PPB-RJ) para a Indústria e Comércio. Dornelles defendeu no Congresso várias teses contrárias a do governo e o PPB continua votando contra as posições do Palácio do Planalto.